

20 (Vinte) Pontos!

2. Se bem que algumas competências exigidas a uma mãe para criar e educar uma criança se relacionem com a biologia, a maior parte delas são desenvolvidas por aprendizagem no seio social. Por isso, tanto o pai como outras pessoas podem assumir o papel de "mãe", se fizerem as aprendizagens adequadas. O que é preciso é que se disponibilizem e amem a criança, disponham de tempo para a educar e lhe prestem os cuidados necessários. (10)

3. Cuidar de uma criança não é uma aptidão inata, mas um conjunto de condutas aprendidas no meio. Logo, tais condutas são dependentes do contexto social em que o bebé nasce e se desenvolve. Assim, entre nós, desenvolveram-se padrões de condutas maternas que nada têm a ver com o que se passa entre os Marquesanos, que mergulham os bebés num regato gelado e os alimentam a caldos e sem a menor atenção. Nas ilhas Samoa, as crianças são igualmente criadas sem afecto, e por mulheres que não são as mães biológicas. Além disso, a partir dos dois anos, as crianças têm que tomar conta de outras mais novas, o que as fatiga e as leva a procurar outros pais, mudando de família. Nas ilhas Gilbert, e nas ilhas Andaman, o apego das mães aos filhos é muito relativo, os quais podem ser oferecidos a outras famílias, como prova de cortesia. Estes exemplos bastam para mostrar como os cuidados maternos dependem dos padrões específicos da cultura. (10)

4. Em termos psicofectivos, mãe é um adulto significativo que dispõe de tempo para dedicar à criança, mostrando-se capaz de lhe proporcionar experiências positivas e estimulantes e de lhe dispensar a atenção e o afecto de que necessita. (10)

5. A primeira relação que a criança estabelece com um adulto é a que se designa por vinculação precoce e se caracteriza pelo desenvolvimento de uma forte ligação afectiva da criança em relação à mãe. Nesta ligação gera-se um forte clima de emotividade em que o sentimento de dependência é compensado pelo facto de se sentir querida e amada. Esta relação é o ponto de partida básica da estruturação das relações sociais que futuramente a criança estabelecerá, cujo êxito ou inêxito dependem do carácter gratificante ou frustrante vivido nesta primeira vinculação. (10)

6. Tradicionalmente associava-se o conceito de imaturidade infantil às ideias de passividade e de incompetência, vendo-se a criança como um ser desprovido de capacidades e indiferente ao mundo que a rodeava. Disponha de necessidades fisiológicas cuja satisfação a fazia crescer e amadurecer para ser treinada, mais tarde, em termos sociais e educacionais.

Actualmente, vê-se a criança como um ser activo, dispondo de necessidades que ultrapassam em muito as fisiológicas. Trata-se de um ser portador de competências próprias da sua idade, as quais têm de ser estimuladas e desenvolvidas. A imaturidade da criança concebe-se como dependência em relação ao adulto, mas este tem que lhe prestar cuidados que vão de encontro à satisfação das suas necessidades, não apenas orgânicas, mas também afectivas, psicológicas e sociais. (10)

7. Desde o nascimento que a criança é um ser activo e desperto para o mundo. É portadora de necessidades específicas que têm de ser satisfeitas e de capacidades à espera de serem desenvolvidas. Possui sentidos que a abrem ao mundo e reflexos para lhe reagir. Começa a relacionar-se com os outros, dispondo de formas de interacção, das quais se destaca o choro, o sorriso, os gestos que são uma espécie de linguagem para se expressar. (10)

8. Ao acentuar o carácter activo da criança e a necessidade que ela tem de desenvolver capacidades específicas, a psicologia do desenvolvimento contribuiu para um novo conceito de infância. Assim, Jean Piaget acentua a necessidade da criança desenvolver os esquemas de accção e cuja maturação permitirá a instalação de esquemas de pensamento. Sigmund Freud insiste na necessidade das primeiras vivências serem proporcionadoras de prazer, a fim de que o desenvolvimento emocional futuro não fique comprometido. Eric Erikson chama a atenção para a necessidade da criança ultrapassar com sucesso o seu primeiro conflito existencial, a fim de que se desenvolva a esperança de, em fases posteriores, conseguir um relacionamento social gratificante. No seu conjunto, estes psicólogos evidenciam caracteres que distanciam a criança do velho conceito que fazia dela um tubo digestivo com necessidades, essencialmente reduzidas à esfera orgânica. (10)

9. Há competências maternas que são naturais e inatas, relacionadas com a biologia. Manifestando-se com a gravidez, prolongam a sua accção ao longo da amamentação do bebé. Fundamentalmente, trata-se do desenvolvimento das glândulas mamárias, cujo papel principal consiste na produção de leite para o alimentar. O seu desenvolvimento é estimulado pela progesterona, segregada pelos ovários, e pelo prolactina, segregada pelo hipófise. (10)

10. Para além dos mecanismos associados à produção de leite, as competências maternas são adquiridas por aprendizagem social. Isto significa que se uma mulher não se informar junto das mães do seu grupo e cultura, não lê artigos e livros e revistas sobre temas materno-infantis ou não frequentar cursos específicos de puericultura, não saberá o que fazer para cuidar adequadamente de uma criança. (10)

11. Harlow realizou experiências com macacos criados por duas mães artificiais: uma de arame, outra de veludo. A primeira tinha um dispositivo que permitia aos macaquinhas alimentarem-se. A outra, revestida de material felpudo, proporcionava-lhes um contacto macio e agradável. Era a esta que os pequenos animais se apegavam, permanecendo junto dela a reivindicar o conforto que a "mãe de arame" não lhes podia dar. Mesmo com fome, ou quando queriam explorar objetos, procuravam não perder o contacto com a mãe mais confortável. Na presença de algo estranho, agarravam-se à mãe de veludo, procuravam acalmar-se, e só depois iam observar o que se passava. A exploração do meio era cautelosamente feita, usando a mãe como base de protecção e apoio. Harlow conclui que, após estabelecer o vínculo com a mãe felpuda, esta funcionava como protecção capaz de sottrair os pequenos animais ao sentimento de medo em face de situações estranhas. A mãe felpuda dava-lhes segurança, contribuía importante para o desenvolvimento de autoconfiança e autonomia. *Conclusão!*

12. Jacques Phillippe Leyens considera que quanto mais forte e gratificante for o vínculo do filho em relação à mãe, mais independente ele se torna, em virtude da segurança que esse vínculo confere à criança. É que uma vinculação bem estabelecida significa segurança e confiança, sentimentos que garantem ao bebé elevado grau de autonomia sem o que não se pode falar do sentido de liberdade.

A vinculação dos bebés, tanto humanos como primatas, em relação às mães pode ser vivida de modo gratificante, ou penoso. No primeiro caso os sentimentos nutridos são geradores de confiança, pelo que os bebés se sentem aptos a estabelecer novos e benéficos contactos sociais. Ao invés, as experiências negativas vividas na relação mãe-filho traumatizam os bebés que podem não tentar estabelecer novas relações ou fazê-lo desconfiadamente e dominadas pelo medo. Experiências com primatas e observações de seres humanos levaram ao estabelecimento de uma relação directa entre perturbações na vinculação e irregularidade nos relacionamentos social e emocional, designadamente a nível sexual e matrimonial.

10. Com a observação do documentário "A Ciência dos Bebês" ficamos a conhecer algumas aquisições e progressos que o bebê consegue atingir ao longo do seu período de desenvolvimento.

- As principais aquisições e progressos são: a cerebelização, uma vez que ao nascer o bebê não possui as capacidades cerebrais bem definidas, aprender a respirar, visto que no interior do ventre materno este não consegue respirar e ao nascer os seus pulmões serão bombeados pela primeira vez com ar, a existência de certas capacidades mentais como somar e subtrair, com a observação do documentário podemos visualizar alguns testes que são efectuados a recém nascidos, alguns deles estavam relacionados com a capacidade de somar e subtrair e verificou-se que o bebê notava a presença ou falta de certos elementos, ou seja, notava que o enganchavam; a capacidade linguística universal uma vez que o bebê está apto para aprender qualquer língua existente no mundo, uma vez que não possui qualquer base linguística, a língua que aprenderá será a causa da influência da sociedade em que desenvolverá e por último o desenvolvimento motor ao nível da locomoção, o recém nascido possui certas posturas ao nascer para caminhar, põe-se no espaço de dois meses acaba por perdê-las e só quando tem cerca de um ano é que começa a equilibrar-se simplesmente em duas pernas.

10

Trabalho realizado por:

- Adriana Catarino
- Ana Palua
- Maria Silva
- Soraia Lopes

12.º A.